

As pastorinhas na lembrança de Tó Teixeira *

Hoje em dia já não existem muitos costumes que vigoravam antigamente durante a época de Natal. Foram sepultados pelo ritmo acelerado da vida atual e pela nova maneira de encarar as coisas surgindo com a nova ordem que impôs a sociedade de consumo em nosso mundo, logo após a Segunda Guerra Mundial. Um destes costumes eram os “pastoris”, que se ainda hoje sobrevivem, esporádicos, perderam totalmente sua função social e religiosa. Não passam, em nossa atualidade, de uma maneira de esmolar doces e comidas, para a realização de festas natalinas. No interior, porém, nos pequenos centros, as pastorinhas ainda conservam a antiga função socializante, por assim dizer. De qualquer maneira ela ainda desperta um sentimento, ela é válida, pois qualquer tipo de socialização no Natal é positiva. Na cidade, porém, ela não surtiria o efeito esperado.

Antigamente, porém, era uma atividade extremamente em voga. Dos anos 40 para trás, Belém inteira era quase que um único presépio. Umarizal era o bairro considerado “foco” de pastoris, de onde se irradiava para todos os outros locais da cidade.

Antonio Teixeira Filho, o “Tô” Teixeira, velho violonista de Belém, é um dos poucos remanescentes daquela época, que realmente trabalhava em pastoris. Em sua pequena oficina de encadernação da Rua Treze de Maio, conta, sob o peso de 83 anos de idade, a longa experiência pessoal no assunto, que durou, desde a primeira década do século, até 1930, ano que encerrou com os pastoris, com a morte de seu pai.

“Logo que cresci mais um pouquinho, ainda criança, já fui colocado no papel de pastor, do grupo que minha madrinha e minha avó mantinham, as “Briosas”.

Depois que elas envelheceram e finalmente faleceram, passei a fazer, junto com o meu pai, músicas e ensaios, para o outro grupo que formamos, “As Briosinhas de Belém”. Meu pai me ensinou, nas horas vagas, a música de violão, e nós compúnhamos as melodias e ele, no início, ensaiava o grupo, mas posteriormente eu mesmo passei a ensaiar. Quer dizer que em pastoris, fui desde pastor a ensaiador, passando por compositor. Depois que meu pai morreu, em 1º de maio de 1930, paramos para sempre com o nosso grupo. Era um grupo composto somente de pessoas de casa. Já no fim das “Briosinhas de Belém” quem compunha o grupo eram as netas daquelas que representavam no tempo de minha madrinha e avó. Por ser um grupo “doméstico” não íamos a espetáculos públicos, e o nosso grupo não

era maior. Havia o “Belemita”, o “Paraense”, o “Nazaré e outros. Cyrillo Silva, falecido em 1932, era o grande compositor de pastoris do Pará. Para mim foi o maior compositor de música popular no Pará em todos os tempos. Era amigo de meu pai. Nosso trabalho era grande. Iniciava por volta do dia 10 de novembro de cada ano, com a reunião do grupo e o primeiro ensaio. Desse dia até o 20 de dezembro havia muitos ensaios, e neste dia ocorria o ensaio geral. No dia 22 de dezembro fazíamos o “ensaio prova”. E daí por diante começava o negócio. Os dias-chaves para as apresentações de pastorinhas eram: Véspera de Ano Novo, Véspera de Reis e de vez em quando, na Páscoa. Mas estas datas não impediam representações em quase todos os dias dentro do período de festas. Apesar de Umarizal, o bairro onde nasci e moro até hoje, na mesma casa da Domingos Marreiros, 320, em todos os outros bairros se realizavam pastorinhas. Eu mesmo escrevi músicas para grupos em todos os bairros de Belém. Desde a Cidade Velha até Guamá, Jurunas, Cremação, São Braz, etc. Nas casas de famílias, todos faziam presépios com imagens.”

Durante todo o mês de novembro e dezembro saíam nos jornais relações e listas de locais onde haveria presépios, pastoris e outras festas, e anúncios como este:

“Já está em ensaio à Rua Domingos Marreiros número 30 e sob a direção do conhecido violonista Tó Teixeira, o já conhecido grupo pastoril Briosinhas de Belém. As músicas que são de autoria do referido musicista são de efeito harmonioso, casando-se bem com as vozes das gentis componentes do rancho em questão”.

A representação feita pelos grupos pastoris sempre girava em torno do nascimento de Jesus. Era composta por no mínimo dez personagens, mas sempre superavam este número: uma estrela, um anjo, três pastores, uma cigana rica, uma cigana pobre, uma florista, galegos (portugueses) e saloias (filhas de camponeses).

Tó Teixeira descreve o espetáculo:

“Era feito numa grande sala ou terreiro, onde num dos fundos ficava o presépio. A platéia, que sempre era grande, ficava no restante da sala ou terreiro, e as personagens vinham do fundo, entre a assistência para o presépio.

Nas primeiras filas sentavam os mais velhos e os graúdos. Para trás ficava a moçada. No presépio das Briosinhas havia apenas uma manjedoura com uma imagem do Menino Jesus e flores, muitas flores. Eram rosas, açucenas, alecrins e outras

* Artigo publicado no jornal “O Liberal”, p. 18, em 25 de dezembro de 1976.

que faziam um ambiente muito perfumado. A primeira coisa que acontecia era o aparecimento de um anjo a um dos pastores, que anunciava a vinda de uma estrela que seria a indicação do nascimento do Salvador. Depois este pastor adormecia. Acordava com a estrela e se ajoelhava e depois saía para avisar os outros pastores que se encontravam com ele no caminho, e vinham cantando. Todos iam ao "estábulo" para ver o menino Salvador. Aos pastores se juntavam as ciganas, uma excelentíssima "rica e outra pobre.

A cigana pobre era a que sempre causava maior influência, pois tinha a simpatia de todos. Depois vinham os galegos e as saloias, e por último a florista, distribuindo de uma cesta flores para todos".

Segundo conta Tô Teixeira, na véspera de Natal todos os personagens dos pastoris representavam vestidos com mantos brancos, à semelhança das imagens de Jesus, mas nos outros dias representavam fantasiados, alguns ricamente.

"Os pastores vestiam um manto branco com túnicas de outra cor: azul, vermelho, amarelo e outras. O anjo vinha sempre de cor-de-rosa e a estrela vinha sempre de seda azul. Maria e José eram imagens que ficavam no presépio. A cigana rica vinha com uma vestimenta colorida e com ricos adornos, ouro, prata e outros, com um detalhe: era ouro mesmo. Aquele pessoal antigo, tinha todos em casa um baú, maior ou menor, com jóias e ouro, pedras, etc. A cigana pobre era vestida mais ou menos como essas ciganas que andam hoje por aí. A florista era uma das mais bonitas. Vinha com um vestido curto, azul ou rosa, sempre adornado com muitas flores, todas coloridas e uma cesta com as flores que ela distribuía. Tudo

era acompanhado por mais ou menos meia dúzia de músicos. As músicas eram todas sacras e sóbrias, e casavam muito bem com o ambiente respeitador que havia. Eu fazia muitas músicas novas de vez em que quando, mas não era sempre. E nos dias em que havia representação, principalmente nos dias tradicionais, nos dias de festa, o negócio ia até amanhecer. O cordão saía de casa e ia, de rua em rua, de casa em casa. Eram muitos os pedidos dos moradores que queriam, em sua casa, a representação pastoril. Em cada casa se recebia comida para o grupo e alguns davam dinheiro, para ajudar a manter a representação.

No fim de tudo havia uma grande festa. "Quando terminava o período de festas, fazia-se a "queimação" das palhinhas onde nasceu Jesus". A representação era feita e o presépio era desmanchado. Pegava-se a palhinha e se levava para um quintal onde era queimada. Depois disso havia três dias de festa(- e olhe lá...) com lundu e carimbó, cavaquinho, violão, reco-reco, pandeiro, quando havia, e cuica. O pessoal dançava. Tinha muita comida e bebida, mas não o suficiente para que o pessoal se embriagasse, para manter o respeito. Tanto nessa festa como nas festas de pastoris nos dias de Natal, Ano Novo Reis e Páscoa, não se via um distúrbio."

O velho violonista e encadernador, que guarda volumosas pastas com recortes de jornais, pequenas publicações, fotografias, poemas e outras recordações que falem de si ou dos amigos, diz como passa o Natal atualmente.

"Não passo sozinho. Tenho alguns sobrinhos e eles vêm comigo. Além disso sempre aparece alguém para ouvir música. Para mim mesmo, pego o violino, toco, canto, choro, rio e me satisfaço.

